

TEXTO INTEGRAL DO TRABALHO

O AJUSTE DE CONTAS DA ESQUERDA COM A HISTÓRIA: O SOCIALISMO DEMOCRÁTICO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

Marco Antonio Brandão

FUNDEG – Fundação Educacional Guaxupé (MG)

INTRODUÇÃO

Durante aproximadamente um século e meio, a esquerda que se reconhecia como revolucionária tinha uma concepção bem definida daquilo que seria a revolução na sociedade burguesa. Desde a “primavera dos povos” o socialismo acompanha essa concepção revolucionária da esquerda. Não caberá neste texto determos nos meandros da história do socialismo, porém uma particularidade devemos apontar, ou seja, a concepção de socialismo da esquerda no século XIX e grande parte do século XX foi orientada por uma configuração distinta da sociedade capitalista.

Essa configuração é encontrada sobretudo nas fases iniciais do desenvolvimento capitalista, onde as classes sociais estão prontamente delimitadas. No entanto, nos mais variados contextos em que ocorreu uma diversidade de atividades produtivas e construtivas da economia capitalista, a classe trabalhadora tendeu historicamente a sofrer uma pluralização. Pluralização que não foi muitas vezes abarcada pelo discurso e ação da esquerda. Atualmente, nas sociedades onde ocorreu uma diversidade de atividades produtivas e construtivas da economia capitalista, os partidos de esquerda que não adaptaram seu discurso e sua ação para uma pluralização da classe trabalhadora tendem a ser sectários e ter uma atuação política insignificante nos contextos em que atuam.

Este texto busca analisar a relação histórica entre a pluralização da classe trabalhadora e o ajuste de uma esquerda que se torna hegemônica no Brasil para se adequar a essa transformação da classe trabalhadora. Para isso, usarei o exemplo do “socialismo democrático” proposto pelo Partido dos Trabalhadores para implantar uma sociedade socialista no Brasil.

O SOCIALISMO E A SOCIEDADE EM QUE NASCEU

A sociedade européia de 1848 era muito diferente da sociedade do início do século XXI. Em 1848, nos principais países em que estavam processando as transformações que alicerçariam a sociedade burguesa do século XX (França e Inglaterra), a sociedade tinha uma configuração distinta, sobretudo, no que diz respeito às classes sociais. Era fácil distinguir na sociedade quem era nobre, quem era burguês, e, sobretudo, quem era a classe trabalhadora. Estava delimitado na

sociedade quem eram os miseráveis. Eles eram os herdeiros daqueles que um pouco antes fizeram a Revolução Francesa – mesmo sendo uma “revolução burguesa” derramou-se muito pouco sangue burguês na França em 1789. Esses miseráveis eram também herdeiros daqueles que deram, literalmente, o sangue na produção de mercadorias na Revolução Industrial.

O nascimento histórico do conceito de socialismo é direcionado a uma configuração histórica distinta da classe trabalhadora. Uma classe trabalhadora entregue à manutenção precária da vida em seus corpos.

Marx foi contemporâneo da “primavera dos povos”. Filosofava que a sociedade capitalista nascera condenada à destruição. O processo de desenvolvimento histórico do capitalismo acentuaria a diferença entre burgueses e proletários, e a miséria cada vez maior do proletariado cuidaria para que esse encontrasse o caminho revolucionário que poria fim a sua exploração – instituindo, com isso, um reino de felicidade na terra, a sociedade comunista.

Lenin acreditava que possuía em suas mãos o sentido da história. Uma vez de posse deste sentido, a Revolução Russa viera saltar etapas de um processo histórico que ainda não estava consolidado na Rússia em 1917 (um país com grandes resquícios feudais). Não seria necessário esperar o proletariado sofrer em meio a miséria que lhe era inevitável para se transformar em uma classe revolucionária, o Partido poderia poupar-lhe esse sofrimento sendo a sua vanguarda.

A sociedade existente na Rússia em 1917 não era muito distinta da sociedade em que surgira o socialismo em meados do século XIX. A sociedade russa guardava grandes traços de um passado rural recente, em que as classes sociais estavam bem delimitadas. A grande predominância era de camponeses, e um incipiente operariado.

Essa sociedade russa estava muito longe de ser a sociedade onde o operariado assumiria uma consciência de classe e promoveria a revolução socialista, mas foi nessa sociedade que se promoveu a grande experiência socialista da história. Afinal porquê esperar o operariado possuir uma consciência, se de antemão sabia-se que inevitavelmente ele assumiria tal consciência? A vanguarda desta classe trabalhadora prevendo esse fim inevitável poderia poupar-lhe tempo e sofrimento.

Mesmo a teoria sendo adaptada à prática, a experiência socialista soviética estava em consonância com uma realidade histórica, ou seja, camponeses e operários estavam muito bem delimitados e a miséria era um símbolo comum entre ambos. Foi em nome destes protagonistas que o partido bolchevique construiu uma sociedade e um modelo de socialismo na URSS.

Outras experiências revolucionárias de cunho socialistas no século XX obtiveram êxito porque respeitaram esse mesmo padrão revolucionário: a existência de uma sociedade em que as classes estavam bem delimitadas, a miséria como condição da classe trabalhadora, e a condução da revolução por uma “vanguarda”. Esse foi o caráter da Revolução Comunista na China, em Cuba, em países asiáticos, etc.

Em países em que a sociedade sofreu uma diversidade de atividades produtivas e construtivas da economia capitalista, tornar-se obstáculo o encontro de uma configuração em que as classes sociais estão prontamente delimitadas, e a miséria sendo comum à classe trabalhadora. Não foi uma constante no desenvolvimento capitalista – como esperava Marx – a intensificação da miséria da classe trabalhadora. Numa sociedade urbana e capitalista, o consumo se torna o grande norte da produção, com isso, vamos ter, paulatinamente, o proletariado se transformando em consumidor.

A miséria não mais será comum à classe trabalhadora, mas também a possibilidade de consumir produtos na sociedade. E de nada adiantaria ser um potencial consumidor se a sociedade não oferecesse condições para que grande parte dessa classe trabalhadora se tornasse consumidora – essa foi uma das condições de sobrevivência do capitalismo. Logicamente, que a miséria sempre existiu em toda a história da humanidade, e muito possivelmente continuará a existir, porém, em sociedades que sofreram uma diversidade de atividades produtivas e construtivas da economia capitalista, essa miséria tendeu a ser amenizada e os antigos miseráveis entrarem para o mercado consumidor.

Em sociedades em que a classe trabalhadora não foi prontamente identificada com a miséria, onde grande parte desta mesma classe participava de um mercado consumidor – consumindo produtos feitos por ela mesma – o desfecho de uma situação revolucionária para o estabelecimento de uma ordem socialista encontrou sérios entraves.

Quem é trabalhador numa sociedade que sofreu uma diversidade de atividades produtivas e construtivas da economia capitalista? Podemos enumerar uma enorme lista das mais variadas profissões, ocupações ou funcionalidades encontradas. Pode constar dessa lista, desde o metalúrgico, o estivador do cais do porto, um médico do serviço público de saúde, o vendedor de uma loja no Shopping Center, o professor, o pesquisador, o carteiro, o lixeiro, etc... Como uma vanguarda vai fazer uma revolução socialista numa sociedade em que o seu público está pluralizado? A primeira constatação é que não existirá uma “vanguarda”, mas “vanguardas”, muitas vezes antagônicas entre si.

A SOCIEDADE BRASILEIRA E O SOCIALISMO

Falar de socialismo numa sociedade que teve em sua história mais de três séculos de escravidão já é por si próprio singular. Enquanto no final do século XIX os países europeus caminhavam a grandes passos para uma sociedade urbana e industrial, o Brasil estava preso a uma estrutura que provinha desde a colônia, ou seja, uma estrutura norteada pela grande propriedade agrícola e a exportação de produtos tropicais – neste caso, o café.

No século XX, o sudeste brasileiro em poucas décadas se assemelhou às principais sociedades urbanas e industriais européias. Num período curto de tempo, aproximadamente um século, tal região brasileira sofreu um processo dinâmico de urbanização e industrialização. Foi nesta região que nasceu um incipiente operariado, e conseqüentemente, um movimento operário.

Foi em São Paulo e Rio de Janeiro que ao longo do século XX os modelos revolucionários desenvolvidos pela esquerda no Brasil tiveram a sua história mais acentuada. Na gênese da esquerda brasileira estão os anarquistas e os socialistas. Os anarquistas acreditavam na transformação radical da sociedade com a implantação de uma sociedade utópica sem nenhuma espécie de poder. Os socialistas disputavam junto com os anarquistas a hegemonia do incipiente movimento operário brasileiro. Defendiam o uso da máquina estatal burguesa como forma de implementar as reformas necessárias para a implantação da sociedade socialista no Brasil.

O grande bastião da esquerda brasileira, ou o principal elo de ligação da esquerda no Brasil com as transformações que se processavam no movimento operário em âmbito internacional, foi o Partido Comunista Brasileiro. Os comunistas acreditavam na necessidade da consolidação de uma “revolução burguesa” na sociedade brasileira. Somente depois dessa revolução teria início o processo revolucionário comunista. Foi com esse pensamento que a tática política do PCB foi orientada durante grande parte de sua existência.

O grande erro dos comunistas foi esperar a construção de uma situação histórica onde ela já existia. Ou seja, o principal território da atuação da esquerda brasileira já era urbano e industrial muito antes do que eles esperavam.

Neste processo de diversidade das atividades produtivas e construtivas da economia capitalista no Brasil, cabe apontar uma singularidade. No primeiro momento deste processo, quando a classe operária era prontamente identificada na sociedade, o PCB fez uma *política de massas*, diluindo a classe trabalhadora com outros segmentos sociais existentes na sociedade (política de alianças do PCB para o desfecho da revolução burguesa no Brasil). E num momento posterior, no final da década de 1970, o Partido dos Trabalhadores (PT) surge fazendo uma *política de classe* numa sociedade em que a classe trabalhadora já havia sofrido o processo de diversidade das atividades produtivas e construtivas da economia capitalista, dificultando uma maior coesão “em si” de uma classe trabalhadora existente neste período.

No caso do PCB, sua *política de massas* se explica pela busca de alianças com outros segmentos (burgueses) para desfechar a revolução burguesa na sociedade brasileira. Ao fazer isso, o partido diluiu a classe operária em meio a outros segmentos da sociedade. No caso do PT, a *política de classe* do partido se explica devido ao seu surgimento. O partido nasce no centro nervoso de um segmento distinto da classe trabalhadora, os metalúrgicos de empresas automobilísticas de São Paulo. Posteriormente, o PT não manteve o discurso voltado para os metalúrgicos, mas na

construção de uma categoria de “trabalhadores” capaz de abarcar a diversidade da classe trabalhadora existente na sociedade brasileira.

O PARTIDO DOS TRABALHADORES E A NOVA CONFIGURAÇÃO POLÍTICA DA ESQUERDA BRASILEIRA

Como acompanhamos acima, a sociedade de final do século XX, que sofrera um processo de diversidade de atividades produtivas e construtivas da economia capitalista no Brasil, era muito distinta da sociedade de início do século. É nessa sociedade que paulatinamente o PT se tornará hegemônico no âmbito político da esquerda.

O PT desde o seu nascimento deixou bem claro sua opção política pelo socialismo. Não um socialismo como os modelos que até então tinham existido, mas um socialismo diferente, um socialismo que respeitasse a pluralidade existente na sociedade, um socialismo de novo tipo.

“... Eu acho que o que vai selecionar ainda mais as pessoas é o próprio programa. E o programa do PT não tem rótulo nenhum. Eu acredito que é um desejo da grande maioria dos trabalhadores, que ele não venha com rótulos de PS, de PC, ou de coisa parecida. Mas que venha com propostas socializantes eu acho fundamental. Agora, o programa final só existirá a partir do momento que os trabalhadores o fizerem ... As propostas dele [PT] são anti-capitalistas. É um partido democrático. Ele só tem razão de ser se tiver no seu bojo a permissão para a discussão, para que as pessoas militantes do partido dêem a sua opinião. Eu acho que é um partido que propõe uma forma socializante das coisas. Mas quem vai decidir a forma de socialização é a classe trabalhadora. Não sou eu.” – Entrevista de Luís Inácio Lula da Silva em julho de 1979. In: Jornal O Companheiro. Ano 1, n.º. 07, de 4 à 15 de julho de 1979. p. 05.

Mas como fazer um socialismo democrático, ou seja, um socialismo da maioria tendo como base os “trabalhadores”? Quem eram os “trabalhadores” destinatários do projeto socialista do partido? Certamente não seriam os mesmos encontrados por Lenin na Rússia de 1917.

“A grande imprensa tenta desvirtuar o PT dizendo que ele é estreito. Que ele é obreirista. No PT estão os que são explorados, todos os que se sentem trabalhadores, os que não exploram os outros. Não é o PT que diz fulano entra ou fulano sai. Os intelectuais também são trabalhadores. O bioquímico é trabalhador, os intelectuais estão aí mendigando emprego; professor é trabalhador e o médico também. Mas tem médico que não quer se sentir trabalhador, tem intelectual trabalhador que não se reconhece como trabalhador. Então não apoiam o PT, não entram nele, eles mesmos se restringem.” – Entrevista de Luís Inácio Lula da Silva em agosto de 1979. In: Jornal O Companheiro. Ano 1, n.º. 11, de 29/08 à 11/09 de 1979. p. 07.

Mas como fazer um socialismo tendo como base uma classe trabalhadora plural, sendo esse um socialismo democrático?

“Sabemos que caminhamos para o socialismo, para o tipo de socialismo que nos convêm. Sabemos que não nos convêm nem está em nosso horizonte adotar a idéia do socialismo para buscar medidas paliativas aos males sociais causados pelo capitalismo ou para gerenciar as crises em que este sistema econômico se encontra. Sabemos também que não nos convêm adotar como perspectiva um socialismo burocrático que atende às novas castas de tecnocratas e de privilegiados que os trabalhadores e ao povo (...) O socialismo que nós queremos se definirá por todo o povo, como exigência concreta das lutas populares, como resposta política e econômica global a todas as aspirações concretas que o PT seja capaz de enfrentar (...) O socialismo que nós queremos irá se definindo nas lutas do dia-a-dia, do mesmo modo como estamos construindo o PT. O socialismo que nós queremos terá que ser a emancipação dos trabalhadores. E a libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores.” – Discurso na Primeira Convenção do Partido dos Trabalhadores.

Foram poucas as alternativas que o PT dispunha para colocar na prática esse modelo de socialismo democrático, pois o partido deveria atuar numa sociedade em que existia regras que norteavam sua ação política. O PT não construiu uma forma de democracia alternativa ao regime democrático representativo que passou a existir no Brasil com o final da ditadura militar. O regime democrático representativo por si só representava limites ao socialismo democrático do PT, pois o partido tinha que passar pelo crivo das urnas. Sem a existência de uma democracia alternativa às urnas, o crescimento do partido frente as urnas foi lento, porém, constante.

Nas três primeiras eleições presidenciais que o partido disputou, todas as campanhas tiveram um caráter socialista. Porém, a disputa com Fernando Collor de Mello em 1989 foi a que teve uma tonalidade mais forte, pois contava com propostas que certamente, se colocadas em prática, provocariam transformações na sociedade.

“Diversas propostas apresentadas aqui e outras que serão implementadas pela ação político-administrativa do nosso governo exigem reformas da atual Constituição. Todo esse programa e cada um dos seus pontos depende, absolutamente, do apoio organizado do povo mobilizado.

1. Estímulo à mais ampla participação popular nas decisões do Governo, criação de mecanismos de controle social sobre os órgãos da administração pública e empresa estatais

- *estimular a organização do poder popular, abrindo campo para a auto-organização dos trabalhadores;*
- *participação dos trabalhadores na gestão das empresas estatais;*
- *introdução de mecanismos de participação popular na gestão dos serviços públicos, escolas, universidades ;*
- *participação dos trabalhadores e usuários nas decisões e controle da Previdência Social, por meio de diversas formas, entre elas da representação das entidades sindicais;*

- *incentivo aos mecanismos de participação popular, como o plebiscito, o referendo e a iniciativa popular de leis;*
- *adoção de uma política de defesa dos direitos humanos; restaurar perante a sociedade e a história a memória das vítimas dos órgãos de repressão política; apurar crimes contra os direitos humanos e punir os responsáveis.*” – Resoluções do 6º. Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores.

Posteriormente, com o aprendizado nas administrações petista, o PT chegou mais perto da realidade existente na sociedade brasileira. O inimigo deveria ser ganho com as armas dispostas para ambos na luta. A primeira eleição presidencial do século XXI no Brasil mostra isso, ou seja, um ajuste de contas da esquerda com a história.

O PT, hegemônico no âmbito da esquerda, se metamorfoseou-se até encontrar o seu espaço na sociedade, e certamente esse espaço não foi conquistado com a defesa de rupturas abruptas com a ordem social existente na sociedade. A esquerda que não fez esse ajuste de contas com a história, continua com um discurso de classe numa sociedade em que a classe está pluralizada, ou seja, um discurso com um atrasado de um século na história. Por outro lado, a esquerda que fez o seu ajuste com a história teve que deixar de lado seu projeto socialista.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ANDERSON, Perry. *Considerações sobre Marxismo Ocidental*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ARON, Raymond. *As Etapas do Pensamento Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. *A Esquerda Positiva: as duas almas do Partido Comunista (1920-1964)*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BRANDÃO, Marco Antonio. *O Socialismo do Partido dos Trabalhadores: a história de uma utopia (1979-1994)*. Franca. Tese (mestrado) — Universidade Estadual Paulista, 1998.
- HOBSBAWM, Eric J. *Estratégias para uma Esquerda Racional: escritos políticos 1977-1988*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- KECK, Margaret E. *A Lógica da diferença: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira*. São Paulo: Ática, 1991.
- LEFORT, Claude. *A Invenção Democrática: os limites do Totalitarismo*. 2ª. Edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LYRA, Rubens Pinto. *Socialismo: Impasses e Perspectivas*. São Paulo: Página Aberta, 1992.
- MENEGUELLO, Rachel. *PT: a formação de um partido, 1979–1982*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: memórias e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

SADER, Eder. *Quando os Novos Personagens Entraram em Cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970–1980)*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SEGATTO, José Antonio. *Breve História do PCB*. 2^a Edição. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

——— *Reforma e Revolução: as vicissitudes políticas do PCB (1954-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.